

RETRATOS FEMININOS EM *O RETRATO DE RICARDINA*, DE CAMILO CASTELO BRANCO¹

FEMALE PORTRAITS IN THE BOOK *O RETRATO DE RICARDINA*, BY
CAMILO CASTELO BRANCO

Nayara Hellen Carvalho dos Santos²

RESUMO: O presente artigo trata sobre a situação das mulheres no século XIX sob a perspectiva do romance *O retrato de Ricardina*, do autor português Camilo Castelo Branco. Com base em estudos históricos e sociológicos sobre as mulheres em Portugal, é possível discutir as atitudes tomadas por algumas personagens perante um contexto de opressão. Nesse romance, o autor apresenta transformações políticas que intervinham na vida privada das pessoas comuns, o que reflete também na maneira como as personagens são criadas e nos problemas que essas enfrentam.

Palavras-chave: Camilo Castelo Branco. Mulheres. Personagens.

ABSTRACT: This article aims to discuss the women's situation in the XIX century from the perspective of the book *O retrato de Ricardina* by the portuguese author Camilo Castelo Branco. Based on historical and sociological studies on women in Portugal, it is possible to discuss the characters' acts against a context of oppression. In this novel, Camilo presents political changes that influenced in the ways characters were created and in the problems they face.

Keywords: Camilo Castelo Branco. Women. Characters.

¹ Artigo recebido em 16 de setembro de 2016 e aceito em 11 de novembro de 2016. Texto orientado pelo Prof. Dr. Carlos Eduardo Soares da Cruz (UERJ).

² Graduanda do Curso de Letras da UFRRJ.
E-mail: nayara-helen@hotmail.com



INTRODUÇÃO

A obra *O retrato de Ricardina* (1868), de Camilo Castelo Branco (1825-1890), mostra em seu enredo como a sociedade portuguesa no século XIX não dava às mulheres os mesmos direitos dos homens. A trama descreve um período de transição entre o absolutismo e liberalismo, o que ocasionou muitos conflitos. O livro indica aspectos vivenciados por gerações femininas com atitudes e jeitos diferentes do comportamento que era esperado para elas. Algumas delas se submetiam à ordem patriarcal e outras não, ainda que elas sofressem opressão da sociedade. Não era opção fugir dos costumes da época, todavia, elas tentavam encontrar maneiras de reagir ao sistema controlador.

O livro, dividido em duas fases, conta a história de amor entre Ricardina e Bernardo, e todos os encontros e desencontros que eles sofrem para que finalmente fiquem juntos. Ela se apaixona pelo jovem rapaz logo no início da trama. Os dois começam a se comunicar por uma troca epistolar até que são descobertos. O pai da moça é o vingativo Abade Leonardo Botelho de Queirós. Ele tinha origem aristocrática e influência no lugar onde moravam e jamais aceitou que suas duas filhas se casassem com alguém de origem humilde, como Bernardo era. Eugênia é a irmã mais velha de Ricardina e, a princípio, mostra-se obediente ao pai, mas, com o decorrer da história, é possível perceber nela ambição e esperteza. Clementina é a mãe dessas duas fidalgas, e fora afastada de perto de seus parentes para viver ao lado do Abade. O nome dela foi manchado devido ao escândalo de formar uma família com um padre. Por causa disso, ela passou a ser vista como desgraçada pela sociedade e por sua própria família. São essas personagens altivas que Camilo Castelo Branco cria para ilustrar e dar vida à sua novela. Suas histórias também são conhecidas pelos impasses amorosos que as compõem. A dificuldade de estar ao lado do amado, a opressão social, o controle religioso, e, principalmente nesse caso, a relevância da mulher, são temas que Camilo desenvolve ao construir sua obra.

A novela mostra, com propriedade, como as mulheres portuguesas do século em questão estavam destinadas a assumir um papel minoritário na sociedade. O livro trata também de outras problematizações, de caráter político, social e econômico, importantes para o povo português naquela época como, por exemplo, a valorização do dinheiro ou a força da religião, contudo, apesar desses aspectos, o autor possibilita a análise da figura feminina para conscientizar o leitor da importância que as mulheres têm na sociedade. No entanto, ele não só alerta os leitores da importância das mulheres como também as inclui no meio de tais problemáticas, fazendo-as assumir parte significativa de todo esse processo de transição no meio em que viviam. É possível encontrar nas mulheres do livro referências para ilustrar e analisar o contexto opressor em que elas se encontravam, em contraponto com o grande valor que elas carregavam.



Analisaremos aqui como Camilo Castelo Branco constrói a trama a partir da história de personagens femininas relevantes.

RETRATOS FEMININOS

É costume pensar que o personagem é o elemento mais importante do romance pela aproximação que o leitor cria com ele, atingindo assim um sentimento de afeição e identificação. Porém, não é possível entendê-lo e analisá-lo sem o enredo e as ideias, itens fundamentais para a construção do romance. "O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo" (CANDIDO, 1981, p. 53). O enredo é construído por meio de uma série de fatos que dão vida à trama. Os personagens, por sua vez, vivem esses fatos e a partir dessa ligação as ideias se tornam vivas. Assim, torna-se impossível conceber um sem o outro. Na história do gênero romanesco, houve uma transição importante: de enredo complicado com personagens simples (facilmente interpretados) a enredo simples com personagens complicados "que não se esgotam nos traços característicos, mas tem certos poços profundos de onde pode jorrar a cada instante o desconhecido e o mistério" (p. 60). Entende-se, portanto, que Camilo Castelo Branco criava seus principais personagens a partir dessa complexidade. Antonio Candido explica também como uma figura fictícia pode transmitir a voz de um povo em um determinado momento da história, e parece ser essa a intenção de Camilo quando cria figuras que apresentam um contexto feminino muito forte no século XIX e nos fazem entender como essa época era opressora e como as mulheres não tinham voz nem liberdade.

Segundo Maria Graciete Besse, em *Percursos do feminino*, "as figuras, imagens e representações da mulher variam de acordo com as épocas, os gêneros e autores" (BESSE, 2001, p. 4). No início do século XIX em Portugal, as mulheres eram culturalmente reduzidas ao silêncio, ocupando lugar de espectadoras. Para as burguesas ou fidalgas de então, as opções eram o casamento forçado com o pretendente escolhido pelo pai, ou o convento. Já as menos favorecidas eram impostas ao trabalho pesado das fábricas, das lavouras e do comércio. Ao masculino era reservado o papel de ordem, sublimação e inteligência. Ao feminino, a sensibilidade e o irracional. As mulheres recebiam pouca instrução. A educação feminina era tradicionalmente mínima, sem acesso à cultura, não podiam ter algo que desestabilizasse o seio da família. Eram importantes o comedimento e o recato. Atitudes impulsivas e de opinião própria não eram bem recebidas. O casamento remetia à aceitação social, era "a confluência de interesses familiares" (BARREIRA, 2004, p. 22). Cabia ao pai, considerado o chefe da família, escolher o marido adequado para a filha. As mulheres não tinham o direito de voto, não tinham direito ao divórcio, eram poucos os empregos que lhes eram acessíveis.



Elas eram totalmente dependentes da família e dos esposos. Pelo contexto histórico é possível perceber como as mulheres assumiam papel minoritário na sociedade portuguesa do século XIX, contudo, Camilo Castelo Branco cria personagens complexas que mostram a importância que elas tinham no meio social e o grande valor que elas carregavam, apesar de tudo.

Luciene Marie Pavanelo, no artigo *O que fazem as mulheres: as personagens femininas de Camilo Castelo Branco*, afirma que as personagens femininas de Camilo costumam ser divididas em "vítimas" (PAVANELO, 2011, p. 144) e "mulheres fatais" (p. 144), embora a ficção camiliana seja mais complexa do que aparenta, dificuldade essa perceptível nas personagens mulheres da história. É interessante ressaltar as artimanhas que as personagens femininas camilianas usam para se impor na sociedade, como elas reagem e enfrentam um problema. Embora elas vivessem em uma época em que as mulheres deveriam ter total submissão ao homem, sem muita relevância na sociedade nem espaço no mercado de trabalho, as mulheres criadas por Camilo eram espertas, astutas e mostravam importância quando sabiam contornar algumas dificuldades impostas a seu gênero.

No livro *O retrato de Ricardina* encontram-se personagens de caráter complexo, que são importantes para serem analisadas, sobretudo as personagens femininas. As mulheres de Camilo Castelo Branco representam força em uma sociedade onde elas eram discriminadas e não possuíam direitos legais. É possível encontrar em Clementina, Eugênia, Ricardina, e Matilde, todas elas personagens ficcionais, marcas do dia a dia e dos costumes do século XIX. Ainda assim, elas se mostram sagazes usando das ferramentas que têm para tomarem posição e enfrentarem os conflitos diante dos problemas. Cada uma delas assume um papel na trama. Umas se mostram mais corajosas, como é o caso de Ricardina, outras mais ambiciosas, como sua irmã Eugênia. Umas apresentam bondade como Clementina, mas nenhuma delas apresenta a regularidade de assumir apenas um papel. Elas possuem características diferenciadas que vão se moldando e se revelando durante a história. São altivas que contrapõem o sinônimo da fraqueza.

Começaremos a análise das personagens por Eugênia. A princípio, ela mostra-se obediente ao pai, sem muita ação ou vontade própria. É possível perceber a obediência em grande parte do livro. Ricardina, ao recusar a indicação de um noivo é enviada para o convento, como argumenta seu pai: "freira segundo o instituto é que eu a quero. Esposa fiel do Espírito Santo" (BRANCO, 1907, p. 26). A reclusão religiosa surge como opção de refúgio para as mulheres que queriam escapar da repressão conjugal. Por outro lado, a primogênita aceita casar-se com o pretendente escolhido, tornando-se assim herdeira dos bens da família. Eugênia aceita os carinhos e conselhos do pai mostrando-se atenciosa com ele. Essa atitude de submissão era, no entanto, reflexo de sua cobiça pela herança. É possível perceber tal ambição quando a personagem fala sobre o dinheiro "A quem há de deixá-lo? A mana Ricardina vai ser freira, quem pode herdar senão nós?" (p. 70). O leitor apenas consegue perceber as reais intenções da moça ao



decorrer da trama. Na realidade, ela não apoiava as decisões opressivas do Abade e sim tinha medo dele “tenho mais medo que amizade ao meu pai” (p. 70). Ela vê no casamento uma alternativa para sair da situação difícil em que se encontrava. Casar-se com o primo foi mera estratégia de sobrevivência. Na primeira oportunidade que recebe, aceita a proposta do esposo de sair da casa do pai, já que quando se casaram foram morar com ele. “Na mesma hora, aparelharam-se os cavalos. Eugênia saiu, sem despedir-se do seu pai. Era medo ou ódio? Ambas as coisas talvez” (p. 72). A partir daí é possível considerá-la como uma personagem de personalidade subversiva e irregular. Suas características, alternando entre obediência e ambição, medo e coragem, são próprias de mulheres do século XIX que desejavam, de alguma forma, mudar seus destinos. Mais à frente na história, Eugênia e seu esposo dão abrigo à Ricardina quando ela precisa de ajuda. A hospedagem ali permanece por pouco tempo, já que ela foi mandada, pelo casal, para um convento mais uma vez. Embora a amasse, a irmã mais velha não poderia abrigá-la ali, pois a primeira era uma senhora casada e a segunda considerada um peso para a família. Das personagens do romance, Eugênia é a que tem a trajetória menos conturbada, talvez por agir com razão e não cair nas artimanhas do coração. Todavia, ter tido uma trajetória menos atribulada não significa que a vida dessa personagem tenha sido a melhor. Viveu sem emoção como está descrito na passagem em que Ricardina conversa com sua sobrinha Matilde na segunda parte do livro: “Bem sei, minha senhora. Saiu da abadia de Espinho, onde nasceu, para a casa dos Pimentéis da Reboiça, onde morreu” (p. 204).

Clementina é a companheira do abade Leonardo Botelho de Queirós, senhora de família fidalga e mãe das duas moças: Ricardina e Eugênia. O abade a raptou para viver com ele na casa paroquial. O fato de um padre ser chefe de família fidalga mostra como o dinheiro e a posição social tinham importância e eram ferramentas de prestígio naquela época. A partir desse acontecimento, Camilo apresenta para seus leitores um século em que, não só a riqueza, mas também o berço, o nome, a origem tinham peso na sociedade. Um padre não poderia se casar e ter duas filhas, pois tal ato era considerado proibido e também pecado, entretanto, Botelho de Queirós o fez. “(...) abade cristão, e, sobre cristão, católico, e, sobre católico, pai!” (BRANCO, 1907, p. 8). O escândalo aconteceu expondo Clementina ao ridículo social. Ela passou a ser vista pela sociedade e por sua família como pecadora e indigna por ter se relacionado com o padre. Ela própria percebe sua situação nesse diálogo com a filha: “Não as viste já passar aí a cavalo com tanta gente ilustre a acompanhá-las? Vinham mostrar-se, para que eu as invejasse e tivesse pena e vergonha de mim... Tive, filha, tive pena e vergonha” (p. 44). O título de pecadora nos faz perceber como a religião era relevante nos costumes da época. Seu nome foi manchado, foi expulsada de perto da família, sentia-se desgraçada. Com o abade, mesmo tendo infringido a lei, nada aconteceu. O nome dele estava intacto, continuou sendo respeitado e seus valores continuaram sendo impostos no seio da família. No entanto, Clementina também assume um papel subversivo, pois quebra os paradigmas da época quando se liga a



um líder religioso e tem com ele duas filhas. Apesar de ter sido sequestrada de casa, ela saiu por vontade, pois o amava. Na maior parte do livro, ela se mostra como uma mulher fraca, obediente ao marido que manchou seu nome e arruinou sua vida. No entanto, na fala abaixo, ela deixa claro que o fato de ter tido duas filhas compensa todo sofrimento de ter entrado nesse escândalo, valorizando sua maternidade sobre qualquer outra questão social.

– Eu fugi, filha, fugi, cega de luz infernal; e quando abri os olhos, e conheci o que era, e sem remédio havia de ser sempre, tornei-me a desgraçada mais sem consolação que o mundo tem. Olha que eu sou nova. Tenho 37 anos. Vês os meus cabelos quase brancos? Olhas tuas tias e as minhas irmãs mais velhas como estão novas! Não as viste já passar aí a cavalo com tanta gente ilustre a acompanhá-las? Vinham mostrar-se, para que eu as inveja-se e tivesse pena e vergonha de mim... Tive, filha, tive pena e vergonha. Vi-me num espelho depois de as ver a elas, e fui com os olhos queimados, de lágrimas procurar-te, minha filha, a ti e a tua irmã, para me abraçar convosco, e lembrar-me de que as minhas irmãs não tinham duas filhas, dois anjos como eu... (BRANCO, 1907, p. 44)

A mãe assume papel de protetora de suas filhas e se mostra corajosa quando segue com Ricardina para o convento. Contudo, não é só para proteger e estar do lado de sua filha que decide se confinar. Ela ainda se vê como pecadora pelo erro de ter se relacionado com um padre e vivido com ele por tanto tempo. Ela enxerga no convívio voltado para a religião uma maneira de se redimir com Deus por uma vida cheia de deslizos. Clementina é uma personagem importante na trama. De personalidade complexa, mescla entre a bondade, o amor, a coragem e a culpa, ela representa a mulher sofredora por suas decisões do passado, marca de uma geração antiga. A partir dela o leitor pode perceber a força e o abuso religioso da época, a dificuldade de ser mãe durante aquele século e a submissão das mulheres perante os maridos. Ela passou o resto de sua vida no convento até adoecer e morrer deixando Ricardina em profunda tristeza e doente.

À notícia da morte de Clementina, seguiu-se o silêncio de duas, semanas, bem que a freira, escrevendo ao irmão, lhe pedia, que explicasse ao seu amigo o silêncio de Ricardina, forçado pela doença e mais ainda pela incessante companhia das religiosas, que se revezavam ao pé dela, noite e dia. (BRANCO, 1907, p. 78)



Ricardina é a personagem mais importante e intrigante do livro. Sua história de amor com Bernardo Muniz se mantém viva por toda a história. Ela apresenta características de lealdade, integridade, força, coragem e bondade. A fidalga se apaixona por Bernardo, jovem de origem humilde. Embora ele se tornasse subitamente rico por conta de uma herança, o abade não aprova a relação dele com sua filha, pois o mais importante aos olhos do fidalgo ele não tinha: origem nobre.

O Vosso pai é filho de um fidalgo distinto, eu nasci numa das casas mais nobres da província, e quer ele que os seus netos possam dizer que são fidalgos por pai e mãe (...) Bernardo, meninas, é filho de um lavrador pobre, que teve uma herança de um irmão que morreu no Brasil. (BRANCO, 1907, p. 15)

O casal Bernardo e Ricardina sofre perseguição do começo ao final da trama. Eles começam a se comunicar por cartas até que são descobertos. Segundo Cecília Barreira (1986), é comum nos amores camilianos o entrave familiar, social ou econômico que impossibilita a relação entre os amantes. Ricardina fica entre a cruz e a espada quando tem que escolher se casar com o pretendente que seu pai lhe impôs ou viver na clausura.

A moça decide ir para um convento ao invés de aceitar o casamento porque "do convento elas evocam a paixão, o sofrimento, as recordações, mas também vivem o desespero de romper com o homem que nunca deixará de amar" (BESSE, 2001, p. 13). Depois de já estar no convento, ela recebe o convite para fugir com seu amado, mas rejeita-o por lealdade e compaixão por sua mãe e para não manchar ainda mais o nome da família. "Minha mãe é muito infeliz. Atormentá-la ainda mais com a minha fugida, é-me impossível" (BRANCO, 1907, p. 53). Apesar da opressão que sofre da parte de seu pai e da sociedade, a todo tempo ela influencia Bernardo, pois transmite para ele integridade e segurança, como ela mesma assume: "Sou muito amiga de Bernardo; mas sou mais ainda da minha família. Se o não fosse... poderia dar algum passo que lhe causasse muita pena" (BRANCO, 1907, p. 43).

Com o passar dos anos, Ricardina vai se moldando e amadurecendo. Suas atitudes se tornam diferentes. Depois da morte de Clementina, ela deixa de pensar na família e começa a pensar um pouco mais em si própria. Mostra valentia e coragem quando então foge com Bernardo, mas sempre apresenta um lado puro e íntegro. Antonio Candido afirma que "os elementos que um romancista escolhe para apresentar a personagem, física e espiritualmente, são por força indicativos" (CANDIDO, 1968, p. 78). Isso quer dizer que é possível reconhecê-la como protagonista do livro pelas características que Camilo Castelo Branco atribui a ela intencionalmente. Entende-se, por sua descrição física, que era



uma mulher frágil, retraída, não muito bonita. Porém, pelo caráter e atitudes dela, é possível perceber a força que ela carrega. A sensação de altos e baixos se faz presente nessa personagem.

Depois de sua fuga com Bernardo, acontecem alguns desencontros. Por achar que seu amado havia morrido, ela é levada para a casa de sua irmã, a essa altura já casada. Ricardina estava grávida, sozinha, e não poderia ficar muito tempo com sua Eugênia, pois seria considerada um peso para a família por sua situação de mãe solteira. O cunhado impõe que não seria bem visto abrigar uma moça que, por rebeldia, não se casou com algum pretendente escolhido pelo pai, foi para um convento e em seguida fugiu de lá por amor. "Sebastião Pimentel bufava de raivoso contra a vergonha de se estar carpindo na sua casa a envilecida amante de Bernardo Moniz, do filho de Silvestre da fonte, do antigo pastor de cabras..." (BRANCO, 1907, p. 160). Mais uma vez ela foi mandada ao isolamento de um mosteiro, agora longe dali, em Lisboa. Esse episódio mostra, tanto pela postura de Eugênia em permitir que seu marido mande sua irmã embora, quanto pela infelicidade de Ricardina, como as mulheres não podiam tomar decisões sozinhas naquela época. Elas dependiam dos familiares e dos maridos para determinar seus destinos, "só existindo como elementos de um agregado familiar (esposa mãe e filha), sem direitos próprios" (VAQUINHAS, 2002, p. 9).

Embora tenha sido mandada, pela segunda vez, para um convento, Ricardina não chega até lá. Em Lisboa, ela recusa-se a entrar no recolhimento e conhece uma senhora viúva que lhe oferece ajuda propondo que a trataria como sua filha. Por ser viúva e dona de seus bens, essa mulher é livre para ajudá-la. A fidalga segue com ela para o Brasil onde cria seu filho de maneira honesta. Mais uma vez a figura de mulher íntegra e corajosa vem à tona. Apesar das dificuldades de ser mãe solteira naquela época, ela usa toda a sua força e dignidade para sustentar seu Alexandre e fazer com que ele tenha acesso aos estudos.

A última personagem da história a ser aqui analisada é Matilde. Ela aparece na segunda fase do livro, onde já perpetua um regime liberal em Portugal, durante a Restauração. Filha de Eugênia, a moça herda seu temperamento e sua beleza. Na trama, sua figura funciona como uma extensão de sua mãe. Suas histórias são parecidas, pois as duas se casam com pretendentes impostos a elas, embora tenham vivido em épocas diferentes. Isso mostra que as mudanças foram acontecendo aos poucos, e mesmo com a vitória do liberalismo no país, ainda havia um controle social sobre as mulheres. Matilde se casou cedo, aos 14 anos, "galante menina de 14 anos que já estava prometida a um titular da Beira" (BRANCO, 1907, p. 183) depois de um tempo, ficou viúva pelo fato de seu esposo ser bem mais velho do que ela. Ele era rico, e esse foi o motivo que fez com que seus pais o escolhessem para casar-se com a moça. Matilde, como sua mãe, era ambiciosa, dava mais valor ao dinheiro do que à bondade e à caridade. "É impossível meu senhor – disse a pedinte. – A fidalga nuca me dá senão dez-réis!"



(p. 199). Essa fala é de uma mendiga que vivia com seu filho nas ruas e, certa vez, pediu esmola para Matilde. A quantia de dez-réis era muito pouco, ou quase nada, para quem tinha herdado uma fortuna e se tornado rica. Depois de ficar viúva, recebeu todo o dinheiro do marido, pois não teve filhos que pudessem tomar conta da herança. Com a viuvez e a riqueza, alcançou a liberdade. Naquela época, as mulheres casadas deviam obediência ao marido, as solteiras, aos pais, e as viúvas eram as únicas que, talvez, pudessem escolher o que queriam fazer da vida. Apaixonou-se por Alexandre ainda sem saber que era seu primo, filho de Ricardina, pela bondade e altivez que ele carregava. Acabam se casando.

Ao final da trama a protagonista Ricardina consegue ter um final feliz quando reencontra seu amado Bernardo, descobrindo dessa forma que ele nunca esteve morto. Devido a um mal entendido, os dois acreditavam que o outro havia morrido. Bernardo, ainda por cima, precisou fugir do país e usar identidade falsa por ter sido envolvido em um fato histórico da época das lutas liberais, o assassinato dos lentes da Universidade de Coimbra que estavam indo saudar d. Miguel, que assumira o trono como rei absoluto. Por ser estudante e liberal, Bernardo acabou envolvido na emboscada que matou esses professores. Apenas após muitos anos, ele volta a Portugal, sob nome falso e consegue emprego como ajudante de Alexandre, que trabalhava na imprensa política. O jovem vê com Bernardo um cordão com o retrato de uma jovem e leva-o para mostrar a sua mãe, que se reconhece na pintura, permitindo o reencontro dos amantes. Esse desfecho representa a marca da literatura romântica que alimenta noções de amor e felicidade eterna.

LIBERALISMO E AS MULHERES EM PORTUGAL

A narrativa de *O retrato de Ricardina* se passa em um período de conflitos entre os regimes absolutista e liberal, no século XIX, em Portugal. A história é dividida em duas fases. A primeira fase é um momento de crise em que o país está deixando, mais uma vez, o regime liberal e voltando a ser absolutista devido ao golpe de dom Miguel. Ele volta à Portugal em 1828 com intuito de trazer o absolutismo de volta. D. Miguel acaba com a carta constitucional que previa o começo de um governo liberal, assinada por d. Pedro IV, e reúne as cortes tradicionais dos três estados para o proclamarem rei absoluto. Essa Carta era moderada porque a nobreza ainda tinha algum poder e o rei continuava atuando como moderador. Diferente da revolução liberal do Porto, em 1820, que visava uma constituição mais radical atribuindo ao rei uma posição mais figurativa.

Após a Constituição liberal de 1822, d. Miguel ensaiara um golpe absolutista, mas fora impedido por seu pai, d. João VI e expulso de Portugal.



Com a morte deste, d. Pedro IV assume a coroa, mas, por ser imperador do Brasil, envia a Carta a Portugal com sua filha, em nome de quem ele havia abdicado ao trono. Contudo, d. Miguel retorna a Portugal com a pretensão de ser rei absoluto, apesar de ter concordado se casar com a sobrinha, de quem usurpa a coroa.

A personagem Ricardina vive sua juventude em tempos de conflito entre esses dois regimes políticos diferentes, o que influencia também em sua personalidade, em suas atitudes, e na maneira com que a sociedade tratava as mulheres de maneira geral. O regime absoluto tinha como o princípio o poder concentrado em uma só pessoa, o rei. Era ele quem determinava o bem estar da sociedade. Nesse sistema, era valorizado também o acúmulo de riqueza de maneira hereditária. Já o regime liberal buscava a tentativa de harmonizar os poderes através de um sistema representativo. Esse regime tinha como intuito a liberdade de expressão e iniciativa. Era contra a tirania e o poder deveria estar vinculado à vontade geral. Um dos objetivos a serem alcançados, por exemplo, é o voto do povo (apesar de só homens ricos votarem), para elegerem representantes legislativos.

Depois do absolutismo já reestabelecido em Portugal por d. Miguel em 1828, d. Pedro espera até conseguir dinheiro e o apoio dos exilados liberais de Portugal, segue para a Inglaterra e se reúne com outros liberais que lá estavam e também com sua filha d. Maria II. Eles conseguiram montar um exército para invadir o país e lutar contra seu irmão que era a favor do absolutismo. Essa luta durou de 1832 a 1834, ano em que ele consegue expulsar seu irmão e colocar sua filha no trono, estabelecendo definitivamente o regime liberal.

Ricardina representa uma geração feminina que sofria com a opressão da sociedade. Ela escolheu ir para um convento ao invés de se casar com alguém que não queria, fugiu do convento com seu amado, de quem engravidou. Ela foi para o Brasil com uma senhora que lhe ofereceu abrigo, já que não tinha o apoio da família, e sofreu perseguição de seu pai em grande parte do livro. No século XIX as mulheres não tinham o mesmo direito que os homens e, às vezes, o destino delas não era feliz. Nessa primeira fase, as personagens femininas de Camilo mostram a falta de autonomia e a dependência da família e do marido. O fato de que as moças ricas tinham que se submeter ao casamento forçado, arranjado pelo pai, ou do contrário seguir vida religiosa no convento, mostra marcas do absolutismo na época. Foi a partir do fim do regime absolutista e a vitória do liberalismo em 1834, em Portugal, que as mulheres começam a lutar por seus direitos e conquistar espaço na sociedade, como por exemplo, o privilégio de ter uma educação, mesmo que, para isso, defendessem que sua formação seria para ensinarem seus filhos.

Cecília Barreira (2004) comenta que toda educação feminina era medida pelo comedimento e recato. Atitudes impulsivas não eram aceitas e elas não deveriam pensar por si próprias. As regras de decência impunham a elas o



silêncio, que era considerado conveniente naquela época. Os estudos ficavam para os meninos, que mais tarde seriam gestores do lar e administradores das finanças. A eles era atribuída a capacidade de inteligência e liderança, já elas deveriam se familiarizar com as tarefas domésticas. As mulheres só ganham o direito de estudar em escolas através do governo liberal. A primeira mulher só conseguiu escrever na imprensa periódica no ano de 1835, também após o fim do absolutismo. Ao longo do século elas vão exigindo melhorias na educação e em seus direitos enquanto cidadãs.

A outra fase do livro dá um salto para a segunda metade do século XIX. É um momento de aparente paz política em Portugal por conta da regeneração que se estende entre 1851 a 1868 e que teve como principal mentor de sua instauração, derrubando o governo ditatorial de Costa Cabral, Alexandre Herculano. Esse é um período em que dois partidos políticos (o histórico e o regenerador) se alternam no poder, o que faz com que as revoluções e golpes diminuam. Consequentemente, há um crescimento econômico em Portugal. É um momento de extrema importância em que a imprensa cresce no país, há o surgimento de novas tecnologias e novas indústrias, algumas cidades são iluminadas e são criadas estradas de ferro. A essa altura, na trama de Camilo, o filho de Ricardina com Bernardo se encontra adulto, ele se chama Alexandre. É um momento em que ela sai do Brasil e volta para Portugal, e ele começa a trabalhar em um jornal de um desses dois grupos políticos citados acima. A partir daí, acontece o desfecho da história quando Alexandre se reencontra com seu pai, dado como morto.

CONCLUSÃO

O século XIX foi uma época difícil para as mulheres, assim como ainda é hoje em dia. Naquela época, elas eram fadadas a aceitar um destino que não escolhiam. Para as fidalgas de família rica, os possíveis destinos eram se casar com um pretendente escolhido pelo pai ou seguir a vida religiosa no convento. Para as pobres, era designado o trabalho pesado nas fábricas e no comércio ou na lavoura. Esse foi um século em que as mulheres eram menos favorecidas que os homens e quase não tinham direito algum. A sociedade impunha que elas fossem comedidas, recatadas e prendadas. Na maioria das vezes, as funções que elas deveriam aprender eram relacionadas ao lar (cuidar da casa, do marido e dos filhos) e a educação que elas recebiam era restrita. Já o homem era associado à inteligência, à capacidade de decisão e liderança, assim eles eram destinados a tomar conta dos negócios e das finanças. Esse quadro começou a mudar com a chegada do liberalismo, avançou com a república e, de forma mais acentuada, depois da Revolução dos Cravos que aconteceu em 25 de abril de 1974. A partir



desse movimento, que visava acabar com uma ditadura de quase meio século, começaram as concretizações nas melhorias no desejo de liberdade das mulheres e desde então elas ganharam visibilidade na sociedade e puderam ser ouvidas. Com essa revolução, as mulheres descobriram que podiam ir para as ruas e gritar pelo que queriam ou não fazer.

Muito antes disso, porém, *O retrato de Ricardina* mostrou a situação das mulheres em um período de mudanças entre os costumes absolutistas e liberais, e Camilo Castelo Branco aponta o controle social sobre as mulheres a partir de suas personagens, sua narrativa e suas ideias. O discurso de Camilo em suas novelas mobilizou diferentes tipos de leitores. Em sua narração, ele acrescentava críticas, indagações e questionamentos em um enredo sentimental, enriquecendo sua obra e também desconstruindo expectativas, como faz com suas personagens femininas que se constroem durante o decorrer da obra agindo conforme as condições que lhes eram impostas. Temos, como exemplo, Clementina, que primeiro se diz fraca e subordinada ao Abade e depois, mostra coragem por ter saído de casa e seguido com sua filha para o convento. Outro exemplo é Ricardina, personagem principal do livro. No início, a narrativa mostra as características físicas da moça. São traços que fazem com que o leitor espere fraqueza dessa personagem (pálida e magra). No entanto, com o decorrer da trama, ela transmite lealdade, fidelidade, força e coragem. Esses fatos foram organizados dessa forma para surpreender o leitor, não deixando de destacar também a forma eficaz com que ele é narrado. Camilo é considerado um autor não invisível que interfere nas articulações de narrativa da novela. Conclui-se, portanto, que o aspecto mais importante para o estudo do romance é o resultado de sua composição e não da sua comparação com o mundo. Ao apontar a repressão sobre as mulheres e as formas como suas personagens lidam com as situações, Camilo pode ter instigado em muitos leitores e leitoras o desejo de mudanças na esfera social.

As quatro personagens femininas analisadas neste trabalho carregam o peso de um regime opressor e das poucas condições de escolha que tinham, mesmo com a mudança de regime, mas, ao mesmo tempo, com amor, luta e coragem; conseguem se colocar em lugar de destaque e trilhar um caminho que não era esperado para elas. A primeira parte do livro se encontra em uma fase de crise em Portugal entre o absolutismo e o liberalismo, portanto, alguns direitos das mulheres ainda não tinham sido alcançados. Isso fez com que as personagens agissem por conta própria sem respaldo de lei alguma que as assegurassem, como era também na vida real. A segunda fase já se encontra em um regime liberal, no entanto, as mudanças foram acontecendo lentamente. Algumas marcas do regime absolutista ainda estavam fortemente presentes na mentalidade do país. A visão da mulher passiva, tratada como vítima não faz parte da narrativa do autor, ele as apresenta como mulheres espertas e sagazes. Por isso, as figuras fictícias de



Camilo surpreendem o leitor assumindo papel de inconstância e não linearidade na trama. Elas se constroem e se modificam a todo tempo.

Não só para a verossimilhança no texto, mas também para mostrar as transformações que estavam acontecendo na época, Camilo constrói suas personagens com problemáticas reais da vida privada e política do século XIX. É possível concluir que a junção do conteúdo histórico com a criação de personagens significativas dá vida a uma obra rica, capaz de representar a história de um povo. Nesse caso, o foco está na figura das mulheres do século XIX, em Portugal; seus papéis na sociedade; e como essas personagens se constroem e se articulam no romance. Camilo Castelo Branco com o livro *O retrato de Ricardina* contribuiu para o avanço do discurso sobre o feminino criando personagens com características e atitudes peculiares para a época descrita na história.

REFERÊNCIAS

BARREIRA, C. *Imagem da mulher na literatura portuguesa oitocentista*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1986.

_____. *O Casamento e a família*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2004.

BESSE, M. G. *Percursos no feminino: a inscrição do feminino no percurso literário*. Lisboa: Ulmeiro, 2001.

BRANCO, C. C. *O retrato de Ricardina*. 4. ed. Lisboa: Oficinas Typographica e de Encadernação, 1907.

CANDIDO, A. *A personagem do romance*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1968.

PAVANELO, L. M. O que fazem as mulheres: as personagens femininas de Camilo Castelo Branco. *Antares: Letras e Humanidades*, v. 3, n. 6, São Paulo, jul./dez. 2011, p. 144-160.

VAQUINHAS, I. Linhas da investigação para a história das mulheres nos séculos XIX e XX. *Revista da Faculdade de Letras. História III série*, v. 3, Porto, 2002, p. 201-221.

VARGUES, I. N.; TORGAL, L. R. Da revolução à contra a revolução: vintismo, cartismo, absolutismo. O exílio político. In: MATTOSO, J. (Dir.). *História de Portugal*, v. 5. Lisboa: Caminho, 1995, p. 57-76.

